

**Resumo:** A paz mundial é um bem universal que diz respeito a todos os povos e nações. É o bem mais precioso a que toda humanidade anseia por ter em pleno século XXI e, no entanto, a mesma parece um sonho impossível de se realizar. Existem países do Primeiro Mundo que se julgam no direito de impor a ordem mundial por meio da guerra para se obter a paz. Após duas grandes guerras mundiais, com efeitos catastróficos, somados ao fracasso das intervenções, como a dos EUA no Iraque, fica evidente que a guerra não é a solução para se alcançar a paz. Assim, a religião, cuja vocação principal é defender o direito à vida (de primordial importância para se conquistar a paz), surge como uma luz no final do túnel no sentido de promover a paz mundial, principalmente por meio do diálogo entre as religiões.

**Palavras-chave:** Paz mundial; Ética global; Diálogo inter-religioso; Valores; Guerra; Violência.

## Introdução

O mundo clama por paz. Há um crescendo de toda espécie de violência, sem limites no mundo inteiro. Os direitos humanos são amplamente desrespeitados em toda a parte do planeta. A vida humana tornou-se um bem descartável. Como bem disse o fundador da Fé

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião pela PUC Goiás.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais e da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1998). Atualmente, é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, Catolicismo, tradições culturais, gênero e Cristianismo. E-mail: cetelemos@uol.com.br.

Bahá'í, Bahá'u'lláh, “os ventos de desespero, sopram de todas as direções, e a contenda que divide e aflige a raça humana aumenta dia a dia”.<sup>3</sup> A violência e a guerra tornaram-se uma produção cultural na sociedade em que vivemos. “Não vivemos apenas em uma sociedade violenta, mas, sobretudo, em uma cultura violenta, produzida e ao mesmo tempo difundida por numerosas instâncias da sociedade: meios de comunicação, escola, família, instituições religiosas, partidos políticos, clubes, sindicatos etc.” (Rezende, 2004, p. 11). Em função disso, a fim de se preservar a continuidade da raça humana, a paz tornou-se um tema sempre recorrente nas agendas de discussões de importantes organismos internacionais, no sentido de se construir uma ordem global, evitando-se, assim, o desaparecimento do ser humano da face da Terra. No entanto, embora haja disposição no mundo inteiro de lutar pela paz, de concreto mesmo pouco se tem realizado nesse sentido, principalmente por parte da ONU, cujas medidas em prol da ordem mundial têm-se mostrado infrutíferas.

No preâmbulo da Carta das Nações Unidas, que criou a ONU, elaborada por representantes de cinquenta países que participaram da Conferência sobre Organização Internacional, realizada nos EUA, na cidade de São Francisco, em 1945, fica evidente ser a paz um bem universal, cabendo a todos os povos de todas as nações

preservar as gerações vindouras do apelo da guerra, que [...] trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direito dos homens e das mulheres, assim como das nações grandes e pequenas, e a [...] promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade ampla.

Para que isso aconteça, segundo a referida Carta, necessário se faz

praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons vizinhos, e unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, e a garantir, pela aceitação de princípios e a instituição dos métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos.

---

<sup>3</sup> Retirado do artigo “Aos povos do mundo”, publicado pela A Casa Universal da Justiça. Disponível em: < <http://www.bahai.org.br/virtual/Artppm.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

Embora nessa Carta sejam explicitados de forma concisa os direitos fundamentais do homem e a unidade de forma solidária de todas as nações, elementos sem os quais se torna impossível alcançá-la, a paz, em pleno século XXI, por causa, principalmente, da inobservância de tais elementos, no momento em que se discute no mundo inteiro sobre a conveniência ou não da fabricação de uma bomba nuclear por parte do Irã, parece cada vez mais inalcançável.

## O que é a paz?

Quando pensamos a paz, geralmente a associamos à ausência de lutas, de violências ou de guerras. A paz sugere segurança, plenitude, justiça, ordem, saúde, estabilidade, bem-estar, harmonia, tranquilidade, sossego etc. Esse é o desejo do coração humano e, por que não dizer?, de todas as tribos, línguas, raças, culturas, religiões, povos e grupos sociais, cuja aspiração se orienta no respeito ao outro e a si mesmo, reconhecendo que todo ser humano é “um indivíduo único que jamais deve ser reduzido a um meio ou considerado como mero instrumento. Antes, deve ser respeitado e aceito como pessoa, como sujeito de direitos e deveres” (Arinze, 2003, p. 18). Partir do pressuposto que paz seja uma simples ausência de guerras, de lutas e conflitos, seria pensar pequeno, seria muita ingenuidade, e a paz assim pensada pareceria definitivamente algo impossível de se alcançar, porque situações de conflito sempre existirão, porque somos diferentes uns dos outros e no confronto com o outro essas diferenças afloram, gerando, normalmente, situações conflituosas. De acordo com Moacyr Scliar (2004, p. 164), “[...] é do choque entre estas diferenças que nasce a percepção da verdade”. Vivemos num mundo de opostos: frio e calor, luz e escuridão, mal-estar e bem-estar, tristeza e alegria, saúde e doença etc. Isso tudo faz parte da vida humana. Quando estamos com sede é que sentimos o sabor da água. Só sentimos o significado da alegria quando antes estivemos tristes. Sentimos o significado da luz quando antes estivemos expostos à escuridão. Assim é o cotidiano da vida. Contudo, seguindo o pensamento de Scliar sobre sua reflexão do que seja a paz, se vivêssemos sempre uma situação – de trevas, por exemplo –, a vida seria insuportável. “Precisamos de uma alternância; precisamos de consenso. Um ciclo que corresponde ao nosso processo vital: sono e repouso, sístole e diástole, inspiração e expiração. Do conflito deve brotar o consenso” (2004, p. 164).

Para que não caia no marasmo e na mesmice, perdendo, assim, o seu sentido, periodicamente o consenso deve ser substituído pelo conflito. A paz seria, então, não a ausência de conflitos, mas o equilíbrio entre conflito e consenso. Paz seria, portanto, “impedir que o conflito avance demais [aqui o autor alerta!], mas paz não é repousar no marasmo de um consenso eterno, o consenso da inatividade da omissão”. Paz é sabedoria, é um ideal “que começa a se realizar quando nos lembramos que os outros também querem a paz” (2004, p. 164).

Como vimos na Carta das Nações Unidas, essa paz tão desejada no mundo globalizado em que vivemos, de interesse de todos e sendo dever de todos nós o esforço para consegui-la, é “um bem universal indivisível: ou a encontramos todos juntos, no mundo inteiro, ou ela não existe” (Cabestrero, 1994, p. 11) e o primeiro passo para estabelecê-la é o direito à vida, pois “viver em paz supõe, antes de mais nada, poder viver” (p. 11). Segundo esse autor, toda situação de paz que não garanta a dignidade humana a todos é uma falsa situação de paz, pois a primeira e a última medida da paz é a vida, e vida com dignidade.

## A paz pela guerra: a ineficácia de um método

Fala-se muito sobre uma ordem planetária, sobre a hegemonia entre as nações, sobre uma única aldeia global, e assim, para alcançar esse objetivo, alguns países do Primeiro Mundo se julgam no direito de impor a ordem mundial por meio da guerra, como se esse fosse o caminho mais eficaz para se conseguir a paz mundial tão desejada por todos. Como se isso não bastasse, ainda invocam o nome de Deus, como que legitimando tal iniciativa. A exemplo do que ocorreu no passado (no tempo das Cruzadas), hoje existe uma espécie de guerra santa entre Ocidente e Oriente, o líder da principal nação do mundo incita a guerra em nome do Deus do Cristianismo contra o mundo islâmico, como se de um lado reinasse o bem e do outro imperasse o mal a ser vencido.

Como veremos a seguir, não é pela guerra que se chega à paz, mas por meio do diálogo, principalmente entre as religiões, é que será possível alcançar esse bem tão necessário à sobrevivência de toda a humanidade. Destacamos a seguir dois fatos que comprovam a ineficácia do esforço de se alcançar a paz por meio da guerra:

- 6 de agosto de 1945, final da Segunda Guerra Mundial, um marco histórico que por certo ecoará por toda a eternidade. Com o objetivo de impor seu poderio bélico e retirar – como de fato retirou – de cena o Império Japonês com seus camicases, que infernizaram os americanos em Pearl Harbor, o presidente americano Harry S. Truman ordena o lançamento de uma bomba atômica sobre Hiroshima, ato que se repetiria três dias depois sobre Nagasaki, dizimando milhares e milhares de japoneses em questão de segundos. As bombas tiveram um poder tão devastador que deixaram profundas cicatrizes nos sobreviventes e no coração da humanidade.
- 8 de junho de 1972, Guerra do Vietnã. Graças à habilidade do fotógrafo Nic Ut, o mundo pôde tomar conhecimento do poder destruidor da bomba de napalm, bomba de grande poder devastador, atirada por um avião norte-americano sobre a população de Trang Gang. A foto mostra a agonia da garota de nove anos, Phan Thi Kim Phuc, totalmente nua após suas roupas terem sido consumidas pelas chamas provocadas pela explosão da bomba. A menina, socorrida pelo fotógrafo, que a levou a um hospital, sobreviveu após dezessete cirurgias de enxerto de pele. Tal imagem jamais sairá de nossas mentes.

Esses dois fatos, dentre tantos outros que poderíamos citar, tornaram-se símbolos das consequências e dos horrores de guerras cujo intuito seria o de se conquistar ou impor a paz por meio da força de superpotências (das quais se destacam os EUA), que se colocam no direito de intervir onde e quando bem quiserem, sob o subterfúgio de serem legítimos mantenedores da ordem mundial. Os fracassos são evidentes e as retaliações, por parte dos mais fracos, tornam-se evidentes, principalmente motivadas pelo fundamentalismo religioso, capaz de levar seus adeptos a cometerem ataques suicidas, como o ocorrido no dia 11 de setembro de 2001, quando o mundo inteiro se calou e assistiu, estarrecido, os EUA se dobrarem ante a ousadia terrorista cujo atentado (posteriormente reivindicado por Osama Bin Laden, ironicamente treinado pela CIA), pôs abaixo as torres gêmeas do World Trade Center em Nova York.

A paz mundial jamais será alcançada segundo os métodos impostos pelos poderosos que se julgam os guardiões da ordem mundial, que formam alianças entre si, que, ao mesmo tempo que lutam pela paz, impondo às nações mais fracas o jugo de seu poder, por meio de intervenções militares com fins humanitários e preventivos, vendem-lhes armas e

promovem as guerras, com lucro certo e pré-calculado. A crença em uma ordem mundial imposta de cima para baixo, ao estilo de vida norte-americano, cujas ideias “fantásticas” se colocam sob uma perspectiva globalizada de se formar uma “uma nova ordem econômica mundial”, o ‘mundo sem fronteiras’, a ‘nova economia’, a ‘aldeia global’ ou o ‘fim da história” (Santos, 2007, p. 85), enfim, promessas de se formar uma ordem mundial homogênea, por causa de seus resultados, muitos deles catastróficos, perdeu seu encanto “à medida que [...] foram acelerando as divisões, polarizações, hierarquias e desigualdades tanto entre os Estados nacionais que compõem o sistema mundial quanto entre suas respectivas classes sociais” (p. 85). Aos poucos, os EUA vão-se isolando em sua missão de mantenedores da ordem mundial, principalmente no que se refere ao combate ao terrorismo, pois seus métodos utilizados para tal fim são questionados, o que faz com que Washington passe a ter cada vez menos aliados.

Assim, após duas grandes guerras mundiais, somadas às guerras civis e guerrilhas localizadas, além de atos terroristas isolados, justificados muitas vezes pelo fundamentalismo religioso, com constantes retaliações e intervenções por parte dos EUA e de países aliados, a paz mundial tornou-se um sonho cada vez mais distante e difícil de se realizar. Diante da constatação desse fato, torna-se imperiosa a necessidade de se lutar não mais pela imposição da força bélica, pelo poderio nuclear, com armas capazes de dizimar a humanidade, cujas ameaças têm causado tanto desconforto, desesperança e inquietude a todos, mas por outros meios que edifiquem, que promovam uma paz mundial real, justa e solidária.

## Religião: imprescindível para se conseguir a paz

Não temos qualquer pretensão de afirmar que, uma vez frustradas as tentativas de se conseguir a paz pela guerra, agora chegou a hora e a vez da religião, como se esta viesse a ocupar um espaço que ficara vazio nessa luta pela paz. Isso seria o mesmo que afirmar que a religião permanecera o tempo todo à margem dessa inglória luta pela paz enquanto aguardava sua vez. Pretendemos mostrar neste trabalho que se torna imprescindível a presença da religião em quaisquer iniciativas de luta pela paz mundial. A mesma não pode mais continuar sendo ignorada por falsas ideologias nessa luta, como se fosse irrelevante na solução dos problemas que afligem o mundo.

Valores tais como o direito à vida, à liberdade, à dignidade, ao respeito mútuo, à solidariedade, de imprescindível importância para que haja paz no mundo, são amplamente cultuados nas religiões espalhadas pelo mundo inteiro, cuja vocação prima, sobretudo, por defender os pobres, os oprimidos, os excluídos, resguardando-lhes o bem mais precioso do ser humano, o direito à vida. É da natureza própria das religiões darem sentido à vida, ensinando a seus adeptos ou fiéis preceitos éticos e morais que podem ser resumidos em uma regra de ouro, presente em todas as religiões e que no Cristianismo se destaca: *amar o próximo como a si mesmo*, trilhando, assim, o caminho da paz, do sobrenatural, do transcendente, da divindade, de Deus. O ser humano é naturalmente tendente ao sobrenatural, não estando fadado à perdição e ao desejo incontrolável de destruir o outro para se afirmar como indivíduo. Nenhuma religião vive para si mesma, mas em função do ser humano, e nesse sentido ela é o elo, a ponte que liga o homem ao sobrenatural, ao transcendente, ao divino, a Deus, dando-lhe a paz interior, jamais encontrada em sua busca incansável por adquiri-la no mundo profano.

Com o advento do secularismo, as pessoas se voltaram para a prática hedonista, da busca do prazer pelo prazer, da satisfação no material. A corrente hedonista é representada pelo utilitarismo, que identifica a felicidade com o prazer material. Assim, as pessoas se distanciam do sentido escatológico da felicidade, ficando à mercê de tudo o que o mundo materialista lhes oferece. As devoções, antes de ordem espiritual, passaram para o nível material, em que ídolos fabricados pelo próprio homem são cultuados. Isso provocou um enorme vazio no ser humano, somente preenchível pelos valores presentes na religião.

Embora com a secularização tenha havido várias tentativas para subtrair dos homens valores espirituais que lhe são intrínsecos, em troca de falsas ideologias materialistas, a maioria das pessoas no mundo inteiro ainda continua a acreditar numa ou noutra religião. Mesmo em países cujos regimes políticos sejam repressivos a tenacidade da fé demonstra toda a força da religião, força que, se bem canalizada, poderá ser um grande contributo para a promoção da paz mundial (Dalai Lama, 2008, p. 23). A religião, portanto, parece-nos ser a luz no final do túnel para se obter a paz mundial, resgatando valores éticos e morais há muito tempo perdidos.

## Paz entre as religiões: vencendo obstáculos

Mas como falar em paz a partir da religião? Alguém poderia questionar: como conseguir isso se entre as próprias religiões não existe paz? Mata-se cada vez mais em nome da religião, a ponto de o cosmólogo Steven Weinberg declarar que “há pessoas boas que fazem coisas boas e pessoas ruins que fazem coisas ruins, mas, se quiserem encontrar pessoas boas que façam coisas ruins, voltem-se para a religião” (apud Taylor, 2009). Temos como exemplo disso grandes líderes que promovem guerras santas em nome de Deus e da religião.

Existem, de fato, obstáculos que teimam em não permitir que as religiões se unam num mesmo ideal em busca da paz mundial entre os povos, geralmente de ordem doutrinária, o que gera situações conflituosas, principalmente por se posicionarem como detentoras da verdade absoluta, fazendo com que se distanciem cada vez mais umas das outras, impedindo, assim, o diálogo. Conflitos religiosos foram motivo de guerras no passado e, muito embora haja ainda em pleno século XXI alguns conflitos, como o de Israel e Palestina, por exemplo, que há anos lutam entre si, é preciso que as religiões se voltem para a luta em prol da paz mundial, pois, num mundo globalizado, aquilo que afeta a um, no mais longínquo da terra, afeta a todos igualmente.

Embora haja obstáculos, por causa da sua própria natureza, as religiões devem caminhar à sua maneira numa mesma direção: lutar pela ordem mundial e conquistar a paz entre todos os povos e nações. Dalai-lama (2008, p. 22), ganhador do Prêmio Nobel da Paz no ano de 1989, em seu discurso sobre a importância da religião para a paz mundial, não propõe uma nova “religião mundial” nem faz proselitismo em favor de sua própria religião, o Budismo, apenas reconhece que “todas as diferentes religiões do mundo são necessárias para enriquecer a experiência humana e a civilização mundial”. Segundo esse “papa” do Budismo, a nossa mente, “com toda a sua variedade, precisa de diferentes abordagens à paz e à felicidade” (2008, p. 22). Respeitando o direito à liberdade religiosa, ele afirma que a humanidade necessita “de todas as religiões do mundo, para que elas sejam condizentes com os variados estilos de vida, as diversas necessidades espirituais e as tradições nacionais herdadas”. Reconhecendo e acolhendo os esforços de seguimentos de várias partes do mundo em torno da luta pela paz mundial, dalai-lama conclama todas as religiões para que se unam em torno de um objetivo comum, que é a luta pela paz, sob a condição de que, se



“fizerem do melhoramento da humanidade sua maior preocupação, poderão trabalhar juntas pela paz mundial” (2008, p. 22). Ele entende que o ecumenismo será responsável por produzir a coesão necessária para que todas as religiões possam trabalhar juntas e aponta duas tarefas principais para aqueles que se propõem unir esforços conjuntos nessa luta: Em primeiro lugar, “devemos promover um melhor entendimento entre as fés a fim de criar um grau viável de unidade entre todas as religiões, o que podemos alcançar em parte respeitando as crenças uns dos outros e enfatizando nossa preocupação comum com o bem-estar humano” (2008, p. 23). Em segundo lugar, “devemos promover um consenso viável sobre valores espirituais básicos que toquem todos os corações humanos” (2008, p. 23). Esses dois passos permitirão uma ação tanto individual quanto conjunta “para criar as condições espirituais necessárias à paz mundial” (2008, p. 23).

A exemplo do dalai-lama, muitos são os líderes religiosos que entraram para a história como verdadeiros arautos da paz, dos quais podemos destacar: Madre Teresa de Calcutá, Mahatma Gandhi, Martin Luther King, João Paulo II, Dom Helder Câmara, dentre tantos outros, que, à sua maneira, segundo crenças e carismas próprios, deram tudo de si para construir um mundo melhor. Vale destacar também o Bahaísmo, religião de origem persa, cuja doutrina caracteriza-se principalmente por pregar a fraternidade, a união das religiões, o fim dos preconceitos e a paz mundial.

O teólogo católico Hans Küng, para quem só haverá paz mundial entre as nações se houver paz entre as religiões, tornou-se exemplar na luta pela conquista da paz ao defender a instituição de um *ethos* mundial comum a todos. Küng foi mentor e redator da “Declaração para uma Ética Global”, apresentada pelo Parlamento Mundial das Religiões, em Chicago, em 1993 (cf. Pessini, 2006, p. 14). Comentando sobre o livro *Projekt Weltethos*, de autoria de Küng, Helmut Schmidt (2001, p. 92-93) afirma que esse autor apresentou, de forma sistemática e abrangente, duas noções básicas em sua obra: “[...] em primeiro lugar, que a paz entre as nações é impossível sem a paz entre as religiões e, em segundo, que, a despeito de todas as diferenças dogmáticas, um certo consenso ético já pode ser encontrado agora entre as religiões deste mundo”.

As religiões anseiam pela paz no mundo. Não se pode atribuir-lhes o fracasso na luta pela paz por causa das ações terroristas arraigadas no fundamentalismo religioso. Se analisarmos os ensinamentos dos fundadores das grandes religiões, não encontraremos nada

que fomenta outra coisa senão a luta pelo bem, pela justiça, pela solidariedade, enfim, pela paz. As guerras, muitas delas ditas “santas”, bem como os atos terroristas, cuja origem está no seio de uma religião, são fruto da inflexibilidade religiosa de fiéis fanáticos incapazes de fazer uma leitura crítica e contextualizada dos textos sagrados, manchando, assim, o nome da religião à qual pertencem.

Vale destacar aqui o esforço conjunto de iniciativa das religiões no sentido de promover a paz mundial: a Conferência Mundial sobre Religião e Paz, instalada em 1968 por iniciativa de cristãos, budistas, muçulmanos, judeus e hindus, cujo objetivo principal é o de uma colaboração mútua em favor da justiça e da paz, através do desarmamento, da redução do subdesenvolvimento, da reconciliação de grupos em conflito, da defesa dos oprimidos e da expansão da educação para a paz; o Dia Mundial de Oração pela Paz, realizado em Assis, na Itália, quando João Paulo II convidou líderes das principais religiões do mundo para rezarem juntos e jejuarem em prol da paz mundial. Esse importante evento fez parte das comemorações do Ano Internacional da Paz (1986).

## O diálogo inter-religioso: o caminho para se alcançar a paz

Para que haja paz entre as religiões e, conseqüentemente, paz no mundo, é necessário, antes de tudo, que as mesmas se lancem ao diálogo inter-religioso, a fim de vencer todos os obstáculos que as separam. O caminho do diálogo é o caminho a ser seguido pelas religiões, pois faz parte de sua essência, de sua própria gênese, o diálogo “com Deus, com a alma humana, entre os crentes e com o mundo” (Rezende, 2004, p. 53). Na Pós-Modernidade, por causa, principalmente, do avanço tecnológico dos meios de comunicação, houve uma aproximação muito grande entre as culturas, principalmente as do Oriente com as do Ocidente. Com um simples clique no mouse do computador podemos percorrer de imediato uma a uma todas as religiões com um imenso universo de informações sobre as mesmas. Assim, nessa nova realidade é impossível as religiões não se abrirem ao diálogo com o mundo. Elas “entram forçosamente em contato e mudam de *status*: são agora provocadas a ‘se declararem’, ou ‘discursivamente forçadas a uma exposição’” (Teixeira, 2002, p. 93). Embora haja resistência por parte de algumas tradições, principalmente por causa do fundamentalismo religioso, “o diálogo vai se afirmando como

exigência básica do tempo atual, enquanto busca de superação do muro da incomensurabilidade e exercício de uma nova e autêntica conversação” (ibid.). As religiões deverão ter como causa comum que suscita o diálogo inter-religioso a preocupação com a disseminação do sofrimento, que se constitui uma ameaça à humanidade e ao mundo inteiro. No diálogo, as religiões são convocadas “a assumir essa responsabilidade global, a reagir contra a realidade da ‘dor do mundo’ e alimentar uma esperança para o futuro da paz mundial” (ibid., p. 96).

## Conclusão

Vivemos num mundo desencantado, em que a racionalização chegou ao seu ápice. Lembrando uma metáfora de Weber, o homem Pós-Moderno parece estar enjaulado numa “gaiola de ferro”, desumanizado, sem o deus transcendente e à mercê de deuses imanentes que o escravizam cada vez mais. É preciso libertá-lo e devolver-lhe os valores perenes das religiões, que lhe dão sentido à vida, já que a ciência jamais será capaz de fazê-lo. E uma vez liberto, quem sabe haja paz no mundo? Muitos são os caminhos possíveis para se alcançar a paz mundial.

Pensar a paz mundial como um sonho impossível de se realizar é ficar parado à beira do caminho, de braços cruzados, sem nada realizar. A paz mundial somente poderá ser alcançada com o esforço de todos, a partir do indivíduo, que, porém, somente encontrará forças para lutar pela paz sorvendo do manancial de valores ensinados pela religião. Acreditamos, portanto, ser a religião o melhor caminho, o mais eficaz para se alcançar a paz mundial. O caminho se faz caminhando. Enquanto a paz mundial não vem, façamos nossa parte!

## Referências

- ARINZE, Cardeal Francis. *Religiões para a paz; um apelo de solidariedade às religiões do mundo*. Trad. de Euclides Luiz Calloni e Cleusa Margô Wosgrau. São Paulo: Pensamento, 2003.
- CABRESTERO, Teófilo. *Luta pela paz; as causas de Pedro Casaldáliga*. Trad. de J. A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 1994.
- DALAI-LAMA. *Como saber quem você é; Sua Santidade, o dalai-lama*. Trad. do tibetano para o inglês e organizado por Jeffrey Hopkins. Trad. de Luiz X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, C. de P. de. *Bioética e longevidade humana*. São Paulo: Loyola, 2006.

REZENDE, Marcelo. *Um novo mundo é possível*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SANTOS, Marcelo. *O poder norte-americano e a América Latina no pós-Guerra Fria*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

SCHMIDT, Helmut. Uma declaração universal das responsabilidades humanas proposta pelo InterAction Council. In: KÜNG, Hans; SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais*; duas declarações. São Paulo: Loyola, 2001.

SCLIAR, Moacyr. O que é a paz? In: ZIELINSKY, Izabel Bellini et al. *Paz; um voo possível*. Porto Alegre: AGE, 2004.

TAYLOR, Charles. O porquê do retorno do sagrado. *Instituto Humanitas Unisinos (IHU)*, São Leopoldo, Notícias, 23 jan. 2009. Disponível em: <[http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=92&task=detalhe&id=19504](http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=92&task=detalhe&id=19504)>. Acesso em: 11 abr. 2010.

TEIXEIRA, Faustino. *Teologia e pastoral*. São Paulo: Loyola, 2002. (Coleção CES, v. 16.)

Recebido: dezembro 2010

Aprovado: fevereiro 2011